

Isso é
26/2/97
147

26-7

MEMÓRIA

A última batalha

Câncer vence Darcy Ribeiro e o Brasil perde um de seus maiores intelectuais

HÉLIO CONTREIRAS



PEDRO AGLSON

Irrequieto, polêmico e extremamente criativo, Darcy Ribeiro travou inúmeras batalhas ao longo de sua vida. Lutou pelos índios, brigou por seu projeto educacional, atacou com veemência a ditadura militar. Sua mais árdua batalha, porém, foi contra o câncer. Foram mais de 20 anos. E, pelo heroísmo com que a encarou, Darcy parecia que ia vencer. “É preciso vontade de viver”, ensinou, em uma de suas últimas entrevistas. Na sexta-feira 14, em telefonema ao amigo Oscar Niemeyer, ele entregou os pontos. “Vou morrer”, avisou. Três dias depois, aos 74 anos, o senador foi vencido pelo câncer no Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília. Foi a última das várias derrotas que colecionou – como ele mesmo admitia: não conseguiu ver todas as crianças brasileiras alfabetizadas, não salvou os índios, não conseguiu manter sua idéia original de universidade. Mas Darcy achava mesmo que mais importante que as vitórias era a própria luta. “Detestaria estar no lugar de quem me venceu”, costumava dizer.

Como antropólogo, Darcy Ribeiro embrenhou-se por sete anos na Amazônia para estudar melhor os índios – foi o primeiro a trabalhar com o conceito da miscigenação. Como ministro da Educação

do presidente João Goulart, o educador planejou e fundou a Universidade de Brasília. Depois, foi cassado pelo regime militar. Como moleque travesso, escapou do Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro, em 1995. Depois de passar 21 dias na UTI, fugiu do quarto e foi para sua casa de praia, em Maricá. “No hospital só tinha gente querendo morrer. Eu quero viver”, justificou-se. Darcy foi vice-governador do Rio, candidato a governador, escritor publicado em 19 países, criador do Museu do Índio, idealizador do Sambódromo, pai dos Cieps (Centros Integrados de Educação Pública), mentor do projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, autor do projeto da lei que torna todo cidadão doador de órgãos e muito mais. “Sou um homem de *fazimentos*”, explicava-se, com a simplicidade característica dos mineiros de Montes Claros.

Como senador, Darcy Ribeiro não trocava seu voto por nada. “Sou um estranho no ninho. Nunca pedi nada para mim.” Sua última aparição pública foi no dia 4.

Ele foi ao Senado em uma cadeira de rodas para a votação que escolheria o novo presidente da Casa. Votou em Íris Resende (PMDB-GO). Quem ganhou, porém, foi Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que na terça-feira 18 declarou ao lado do corpo de Darcy, durante parte do velório no Salão Negro do Senado: “Ele foi um construtor excepcional.”

Darcy costumava elogiar o intelectual Fernando Henrique Cardoso, mas não deixava de fazer advertências ao presidente. “Ele tem de se livrar dos burocratas que pensam que a economia é uma ciência.”

Com o golpe de 1964, Darcy exilou-se no Uruguai. Depois, foi para o Chile, onde assessorou o

então presidente Salvador Allende na área de educação até o golpe de 1973. No ano seguinte, esteve no Brasil para uma cirurgia em que perdeu um dos pulmões. “O primeiro câncer eu joguei fora junto com o pulmão”, dizia. Em 1982 foi eleito vice-governador do Rio, na chapa liderada por Leonel Brizola. Em 1986, foi derrotado ao se candidatar a governador.

“Detestaria estar no lugar de quem me venceu”

ISTO É
26/2/97
147

CONT.



Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília, em 1962, e com os índios, em 1951: vida produtiva

Em 1990, foi eleito senador com quase 2,8 milhões de votos. Em 1994, foi derrotado como candidato a vice-presidente.

Darcy deixou uma respeitada obra de antropologia e vários romances, entre eles *Maíra e Utopia selvagem*. Sua paixão pelos livros só era comparável à devoção que dedicava às mulheres. "Eles nunca se separam de mim e um não tem ciúmes do outro", dizia. Há dois anos, na come-



moração de seu aniversário, reuniu 50 ex-namoradas e amigas para festejar – justificou a ausência masculina dizendo que não gostava de cheiro de homem. Sua paixão definitiva foi a antropóloga Berta Ribeiro, que está em coma, vítima de câncer no cérebro. Por opção, Darcy nunca teve filhos. "Não precisei domesticar ninguém", brincava. A paixão pelas mulheres é o tema do livro que deixou pronto

para ser publicado postumamente, uma coletânea de poemas eróticos sobre o amor e a morte. Deixou também outro empreendimento que deverá ser tocado mesmo depois de sua morte: o Projeto Caboclo, uma idéia de ocupação alternativa da região amazônica, que prevê a instalação de 12 comunidades de índios e caboclos em áreas de cinco mil hectares.

Pela disposição em defender suas idéias, Darcy imaginava que deixaria inimigos. "Vou morrer com a antipatia da direita moralista", dizia. Errou. A morte parece ter confirmado que o senador só atraía simpatias. As homenagens a ele, em Brasília e no Rio, conseguiram aproximar políticos de diversas tendências. Como o presidente Fernando Henrique Cardoso e o senador petista Eduardo Suplicy, que estiveram no Salão Negro do Senado. Ou Brizola e seu sucessor e arquiinimigo Marcello Alencar – que ao deixar a Academia Brasileira de Letras, no Rio, recebeu uma vaia de cerca de 100 militantes do PDT. Na ABL, Darcy Ribeiro foi velado ao som da música que pediu: sonatas para violoncelo de Bach. Mais de 200 pessoas acompanharam o cortejo até o Cemitério São João Batista. No enterro, o acompanhamento era de um surdo da Mangueira, sua escola de samba preferida. ■